



O DESENVOLVIMENTO DA ALEMANHA NO PARADIGMA DO MATERIALISMO HISTÓRICO/DIALÉTICO

Luiz Raul Sartori¹
José Paulo Medeiros da Silva²

RESUMO

O presente trabalho visa abordar alguns aspectos do desenvolvimento da Alemanha, modelo de nação contemporânea, sob a ótica do paradigma do Materialismo Histórico/Dialético, que encontra em Marx sua principal fonte. Trata-se de um breve ensaio que aponta as medidas da nação alemã, especialmente após a Segunda Guerra Mundial, que alavancaram o desenvolvimento do país, a ponto de se tornar, hoje, um dos mais organizados e desenvolvidos países do mundo.

Palavras chave: Alemanha, desenvolvimento, empresas, economia.

INTRODUÇÃO

A Alemanha é marcada por graves crises econômicas e sociais, bem como divisões territoriais, sendo um dos países mais castigados pelas duas Grandes Guerras Mundiais. Protagonizou, também, na Segunda Guerra, uma das maiores barbáries da humanidade.

Após o final da Segunda Guerra, viu-se novamente dividida em duas Alemanhas, sendo uma capitalista (Alemanha Ocidental) e outra socialista (Alemanha Oriental).

Somente na década de 1990, com a queda do muro de Berlin, a Alemanha unificou-se novamente e passou a desenvolver de forma compassada. O país considerado “doente” na década de 1990 soube organizar-se e transformar-se em uma das principais economias do mundo, com o índice de desenvolvimento humano altíssimo e com uma economia diferenciada.

Em pouco tempo, a Alemanha transformou-se na nação mais organizada e forte da União Européia, sendo hoje um dos principais esteios deste bloco.

Este país, hoje pujante e principal acolhedor de refugiados, teve, sob a ótica do paradigma do materialismo histórico/dialético atitudes que impulsionaram sua economia, que felizmente foram acompanhada pelos demais segmentos, especialmente o social

Breve histórico e economia

¹ Professor de Direito da UNIJUI. Doutorando em Desenvolvimento Regional. lrsartori@unijui.edu.br .

² Professor de Designe da UNIJUI. Doutorando em Desenvolvimento Regional. jose.medeiros@unijui.edu.br .



A Alemanha é um dos mais importantes países do mundo, principalmente em decorrência do elevado PIB (US\$ 3,357 trilhões em 2015) e do desenvolvimento econômico, tecnológico e militar. Além disso, o país lidera uma transformação energética na Europa, através da Lei de Energias Renováveis (conhecida como EEG – *Erneuerbare Energien Gesetz*, em alemão), que foi criada a partir de um esquema de remuneração para quem instalar painéis solares fotovoltaicos ou combinar a geração de energia elétrica com o aproveitamento da energia térmica (FIGO, 2017).

O país, também, é caracterizado pela elevada condição de vida de sua população (IDH de 0,926 em 2016), sendo considerado um exemplo de nação utópica para os países emergentes e pobres do planeta (UNDP, 2017). A política e a economia caminham compassadas com a sociedade, o que fazem da Alemanha um exemplo mundial de Estado, pois possui uma democracia forte e efetivamente consolidada. No entanto, esta realidade é recente, pois o país, ao longo de sua história, enfrentou gravíssimos problemas e tragédias que macularam a sociedade.

Inicialmente, a Alemanha foi habitada por tribos finesas e, posteriormente, por celtas que acabaram expulsos pelos bárbaros que chegaram ao território em 800 a. C. Após o tratado de Verdun (845), passou a existir o reino da Germânia. Em 936, o imperador germânico Otho, o Grande, conquistou regiões na Itália, aumentando sua influência junto ao estado papal e coroando-se imperador. Logo, a Alemanha passou a ser chamada de sacro Império Romano Germânico (SUA PESQUISA.COM, 2017).

Na Idade Média, a Alemanha era uma espécie de estado feudal, onde os senhores feudais possuíam o poder de fato na região, decidindo sobre as ações políticas, jurídicas e econômicas em seus feudos. No século XVI, durante a reforma protestante, a Alemanha foi abalada pelas lutas religiosas e seu território foi, praticamente, dividido em duas partes: Alemanha do Norte (protestante) e Alemanha do Sul (católica). No começo do século XIX, a região foi conquistada pelos franceses sob o comando de Napoleão Bonaparte. Assim, o sacro Império Romano Germânico foi abolido e em seu lugar foi criada a Confederação do Reno, que foi dissolvida pelo Congresso de Viena e reconstituída em novas bases com o nome de Confederação Germânica (1815) (SUA PESQUISA.COM, 2017).



No final do século XIX, a Alemanha foi unificada, formando um estado, com a atuação diplomática do chanceler Otto Von Bismarck. Entre os anos de 1914 e 1918, a Alemanha, em conjunto com o Império Austro-Húngaro e Itália, formaram a Tríplice Aliança na Primeira Guerra Mundial. Derrotada, a Alemanha foi condenada, pelo Tratado de Versalhes, a pagar os prejuízos de guerra, perdendo territórios e tendo suas forças armadas reduzidas. Na década de 1930, Hitler assumiu o poder e implantou o nazismo, conduzindo o país, em 1939, à Segunda Guerra Mundial, em conjunto com Itália e Japão. Mais uma vez derrotada, a Alemanha saiu arrasada do conflito, sendo dividida em duas partes: Alemanha Ocidental (capitalista) e Oriental (socialista). A reunificação ocorreu apenas em 1990, com a queda do muro de Berlin e a crise do socialismo (SUA PESQUISA.COM, 2017).

O paradigma do materialismo histórico/dialético

A partir deste breve resumo histórico, visando interpretar o desenvolvimento germânico no paradigma proposto, torna-se necessário realizar algumas considerações sobre a origem da teoria materialista histórica, conforme Pires (1997, p.86):

A lógica formal não consegue explicar as contradições e amarra o pensamento impedindo-lhe o movimento necessário para a compreensão das coisas. Se o mundo é dialético (se movimenta e é contraditório) é preciso um Método, uma teoria de interpretação, que consiga servir de instrumento para a sua compreensão, e este instrumento lógico pode ser o método dialético tal qual pensou Marx.

O método dialético que desenvolveu Marx, o método materialista histórico dialético, é método de interpretação da realidade, visão de mundo e práxis. A reinterpretação da dialética de Hegel (colocada por Marx de cabeça para baixo), diz respeito, principalmente, à materialidade e à concreticidade. Para Marx, Hegel trata a dialética idealmente, no plano do espírito, das idéias, enquanto o mundo dos homens exige sua materialização.

É com esta preocupação que Marx deu o caráter material (os homens se organizam na sociedade para a produção e a reprodução da vida) e o caráter histórico (como eles vêm se organizando através de sua história).

Logo, sob a perspectiva do materialismo histórico:

Todos os fenômenos sociais e econômicos devem ser analisados dentro de seu historicismo, dentro do contexto da vida social e material produzida pelos homens. Os indivíduos são o que produzem e dependem das condições materiais de sua produção, as quais não são fatores absolutos, permanentes e imutáveis. Não existem,



para Marx, leis absolutas e eternas, tudo pode ser transformado com a ação do homem (SILVA, 2015).

Segundo Siedenberg (2012, p.49), as concepções Marxistas influenciaram a economia política de muitos países e tiveram grande influência na história contemporânea da humanidade, como: a importância da luta de classes e das relações econômicas para a sociedade; a necessidade do proletariado conquistar o Estado; a motivação capitalista regida por interesses próprios; a divergência de interesses entre capitalistas e trabalhadores; a estruturação da teoria do valor-trabalho e a configuração da mais-valia como mecanismo de acumulação; e a previsão do agravamento das crises geradas pela exploração capitalista.

Apontamentos do desenvolvimento à luz do paradigma materialista histórico/dialético

A partir das considerações do item anterior, passa-se à análise do desenvolvimento da Alemanha na linha temporal após a Primeira Guerra, onde a mesma passou por dificuldades extremas devido à tributação para ressarcimento dos prejuízos causados. Nesse período, Hitler faz sua caminhada ao poder e, ao conquistar, implanta um regime totalitário denominado Nazismo, com preconceitos inaceitáveis.

Com o fracasso do plano de dominação mundial de Hitler na Segunda Guerra, apesar de protagonizar uma das piores crueldades da história, a Alemanha sai dividida e destruída. A metade socialista busca na União Soviética o amparo financeiro, enquanto a metade capitalista se reergue e se reconstrói com investimentos pesados dos Estados Unidos. Rapidamente, a Alemanha capitalista ocidental se organiza e concebe um modelo de gestão diferenciado dos demais países capitalistas. Este modelo se aprimora com a unificação das “Alemanhas” e, a chamada “doente da Europa” na década de 1990, torna-se uma das principais economias mundiais.

Segundo Reint Gropp, presidente do Instituto Hall para a Investigação Econômica (IWH), da Alemanha, esse modelo é chamado de “economia social de mercado” e é um sistema baseado mais na cooperação e no consenso do que na competência, cobrindo toda a teia socioeconômica, desde o setor financeiro ao industrial e ao Estado (JUSTO, 2016). Para Sebastian Dullien, economista do Conselho Europeu de Relações Exteriores, este modelo é assim explicado:



No centro estão os sindicatos e os patrões, que coordenam salário e produtividade com o objetivo obter um aumento real dos rendimentos dos funcionários, além de manter os postos de trabalho. A integração é tal que, por lei, os sindicatos estão representados no conselho de administração, participam das decisões estratégicas nas empresas.

Os bancos públicos têm regras claras. Por exemplo: para favorecer o desenvolvimento local, podem emprestar para empresas de sua área, mas não para as de outras regiões. O governo tem representantes nestes bancos, e eles são fundamentais na tomada de decisões. Um princípio que rege sua política de crédito é a manutenção do emprego.

A Alemanha é especialmente forte em empresas que têm umas 100 ou 200 pessoas. Com uma característica adicional: apesar de seu tamanho, muitas dessas firmas competem no mercado internacional e são exportadoras (JUSTO, 2016).

As chamadas *Mittelstand*, pequenas e médias empresas, formam 95% da economia alemã. Elas caracterizam-se como estruturas familiares com planos a longo prazo, forte investimento na capacitação do pessoal, alto sentimento de responsabilidade social e forte regionalismo. Como consequência, a Alemanha tem figurado entre os três principais exportadores mundiais nas últimas décadas, uma prova da eficácia desse sistema para competir mundialmente com produtos tecnologicamente complexos, feitos por uma força de trabalho altamente qualificada e bem paga. Enquanto o comércio mundial dominado por multinacionais que representam cerca de 60% de toda a movimentação global, na Alemanha, as *Mittelstand* são responsáveis por 68% das exportações (JUSTO, 2016).

No entanto, a Alemanha também é a sede de grandiosas empresas mundiais, que também buscaram em outros países mão de obra mais barata. Dentre estas empresas é possível citar: Bayer, Siemens, Mercedes-Benz, Volkswagen, BMW, Bosch, Continental, Allianz, dentre outras.

A partir desta história da Alemanha, é possível perceber um processo de construção e desenvolvimento, cujo diferencial dos demais países foi, justamente, apostar não somente em grandes empresas que geram milhares de empregos, mas, também, naquelas pequenas e médias, muitas familiares, que garantiram a produção de bens e serviços de alta qualidade, com competitividade mundial.

Assim, as forças produtivas – grandes, médias e pequenas empresas – foram impulsionadas a produzir, gerando renda e riqueza. Esta produção foi incentivada financeiramente pelo Estado, que primou em garantir os empregos à população. Muito embora com remuneração maior, dada a qualificação desta mão de obra. Porém, estes empregos



mantiveram a economia aquecida, inserindo os alemães, quase que todos, no mercado de consumo.

E, como destacado anteriormente, não só as grandes empresas alemãs foram em busca de novas fronteiras. Pequenas e médias também conseguiram espaço internacional, inclusive no Brasil. Conforme dados da FIERGS – Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul, no Rio Grande do Sul, há 50 unidades de empresas alemãs, além de outras 30 em sociedade com empresas gaúchas. Entre as mais conhecidas estão: Stihl Ferramentas Motorizadas, Thyssen Krupp Elevadores, Ferramentas Gedore e SAP. Nas relações comerciais, o produto que o Brasil mais exporta para os germânicos é o café em grão (17%), seguido pelos resíduos da extração do óleo de soja (10%), minério de cobre (9,4%), e a soja (7,5%). Já o Rio Grande do Sul, exporta mais tabaco (22%) e calçados e componentes (15,2%) para a Alemanha (SCHOELLER, 2016).

Isso, na linha de pensamento de Adam Smith, demonstra uma preocupação demasiada do Estado Alemão com o desenvolvimento econômico, mantendo empregos com melhor remuneração, o que propiciou uma maior prosperidade social, comparando-se aos demais Estados desenvolvidos. O social conseguiu acompanhar o desenvolvimento econômico, o que resultou em uma sociedade mais estável, apesar de naturalmente haver desigualdades.

Este desenvolvimento econômico, também gestado pelo Estado, que resultou em melhores salários aos empregados, não desonerou, no entanto, o trabalhador da exploração da mais valia de Marx. Aliás, isto é inerente do sistema capitalista e pode apenas ser amenizado. Esta mais valia, sem dúvidas, resultou em enriquecimento dos detentores dos meios de produção e, conseqüentemente, no acúmulo de capital e riquezas.

Logo, as empresas, solidificadas financeiramente, puderam investir mais e abrir novas vagas trabalho. Compassado a isto, a permanente disponibilização de crédito, ascendeu ainda mais os investimentos e o crescimento econômico.

O crédito, por outro lado, é um incentivador e propiciador do empreendedorismo, já que muitas inovações puderam ganhar vida por conta do acesso facilitado ao mesmo. Logo, inúmeros novos produtos foram desenvolvidos na Alemanha, substituindo os existentes no mundo, incidindo, assim, com muita frequência, a “destruição criadora” da teoria de Schumpeter.



A Alemanha viveu, conforme demonstrado, ciclos que evidenciam pesadas crises e posterior período de recomposição: a crise pós Primeira Guerra e sua recuperação a ponto de desafiar o mundo na Segunda Guerra; a crise pós Segunda Guerra, com a derrota e destruição e divisão do país, com recuperação posterior; a crise quando da reunificação da Alemanha no ano de 1990, considerada a nação doente da Europa, com subsequente exemplar organização e recuperação, a ponto de os efeitos da crise desencadeada no ano de 2008 na Europa não trazer grandes repercussões, continuando a ser a economia mais blindada e estável da Comunidade Européia.

Atualmente, a Alemanha já presentiu os efeitos de uma população envelhecida, com defasagem significativa e mão de obra. Um parque industrial e tecnológico de ponta precisa ser mantido e desenvolvido por pessoas (empregados). Nesse momento, coincidentemente, o mundo vive uma das piores crises de refugiados de sua história. Com vistas a estes acontecimentos, visando minimamente compensar a catástrofe mundial histórica do holocausto, o país abre suas fronteiras para receber milhares de refugiados, esperando gastar 93,6 bilhões de euros para ajudar refugiados nos próximos cinco anos (EXAME, 2016).

Esta atitude merece todos os méritos, visto o nível de conscientização do governo e da sociedade alemã. No entanto, por outro lado, não se pode deixar de considerar que esta grande população de imigrantes refugiados vai alavancar novamente os meios de produção, gerando mais renda e riqueza. Neste caso pontual, inclusive, com o diferencial de que a mão de obra dos estrangeiros terá um custo mais baixo aos detentores dos meios de produção, ocorrendo uma maior exploração da mais valia, maior concentração de capital e riquezas, nos exatos termos do sistema capitalista.

Naturalmente, cabe ao Estado alemão continuar com sua política de uma “economia social de mercado”, sendo um grande desafio fazer com que o desenvolvimento social acompanhe o desenvolvimento econômico que será então gerado daqui por diante.

A partir do que foi apontado, pode-se dizer que o desenvolvimento da Alemanha teve como fatores determinantes:

a) O incentivo às empresas, de todos os tamanhos, com ênfase especial às empresas familiares – as *Mittelstand*;

- b) A exploração da mais valia um pouco menos acentuada que em outras nações, com o Estado interferindo neste aspecto por meio do modelo “economia social de mercado”;
- c) Disponibilização permanente de crédito a todas empresas, especialmente pequenas e médias, que também se tornaram competitivas no cenário internacional;
- d) Fomentação do empreendedorismo, disponibilizando-se recursos à “destruição criadora”, onde surgem inúmeras novidades que ganham o mercado mundial;
- e) Abertura de novas fronteiras territoriais pelas grandes empresas que espalham-se pelo mundo (Volkswagen, Mercedes-Benz, Bayer, entre outras);
- f) A ciência e a capacidade de aceitar os ciclos, passando pelas crises severas e, em seguimento, recompor-se;
- g) Política social do Estado Alemão que reconhece as normas capitalistas mas que busca um efetivo compromisso de todos com o social.

Portanto, a tendência do desenvolvimento da Alemanha é que a partir desta elevada mão de obra, advinda dos imigrantes refugiados, seja possível alavancar sua economia ainda mais. No entanto, espera-se que os compromissos com o social sejam, no mínimo, mantidos nos patamares atuais, considerando um aspecto fundamental da teoria marxista: a importância das pessoas/trabalhadores e das relações econômicas como principais motrizes de qualquer sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da Alemanha teve, após a Primeira Grande Guerra, um modelo arquitetado à base da exploração do trabalho, o qual resultou em uma poderosa nação ditatorial, comandada por Hitler, que desafiou o mundo na Segunda Guerra, a ponto de quase ter triunfado o Nazismo.

Com devoção total ao líder, a Alemanha da Segunda Guerra simplesmente praticou atos que macularam a história da humanidade.

Destruída e dividida, a Alemanha consegue se organizar gradativamente nas décadas seguintes, vindo a se reunificar nos anos de 1990.

A partir de então, o desenvolvimento apresenta encaixes, em muitas situações, ao paradigma marxista.



As grandes empresas alemãs também firmaram-se no cenário mundial como grandes impérios econômicos, o que retorna muitas divisas ao Estado Alemão.

No entanto, não é possível deixar de reconhecer que o modelo denominado “economia social de mercado” afasta-se, parcialmente, da desmedida exploração do trabalhador, distanciando, por consequência, da estreita obediência ao paradigma do materialismo histórico/dialético.

Este modelo da economia social de mercado não desprezou as *Mittelstand*, que são responsáveis por parte significativa da economia e de empregos. E, imperativo afirmar, que estas empresas familiares possuem alta competitividade mundial, a ponto de fixarem filiais em vários outros países.

O desenvolvimento econômico levou consigo o desenvolvimento social, sendo esta uma das grandes diferenças da Alemanha no contexto mundial.

Ações ligadas ao paradigma do materialismo histórico/dialético, consorciadas com outras iniciativas enquadradas em outros paradigmas, com observância estreita do social, dão a Alemanha merecidos créditos no modelo de desenvolvimento que ainda é utópico para outras tantas nações do mundo, inclusive o Brasil.

REFERÊNCIAS

EXAME. In: **Alemanha gastará €93,6 bi em auxílio a refugiados em 5 anos**. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/mundo/alemanha-gastara-93-6-bi-em-auxilio-a-refugiados-em-5-anos/>. Acesso em 24 abril 2017;

FIGO, A. In: **Por que a população alemã lidera uma revolução energética**. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/mundo/por-que-a-populacao-alema-lidera-uma-revolucao-energetica/>. Acesso em 24 abril 2017;

JUSTO, M. In: **O segredo que faz da Alemanha a economia mais sólida do mundo, 2016**. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160131_segredo_alemanha_economia_ab. Acesso em 24 abril 2017;

PIRES, M. F. C. In: **Interface - Comunicação, Saúde, Educação, v.1, n.1, 1997**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v1n1/06.pdf>. Acesso em 24 abril 2017;

SCHOELLER, M. In: **Rio Grande do Sul tem 80 empresas alemãs, 2016**. Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/politica/noticia/2016/10/rio-grande-do-sul-tem-80-empresas-alemas-7817838.html>. Acesso em 24 abril 2017;

SILVA, M. L. M. B. da In: **Tramas para reencantar o mundo, n.1, 2015**. Disponível em: <https://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/tramas/article/view/193/154>. Acesso em 24 abril 2017;

SIEDENBERG, D. R. **Desenvolvimento sob múltiplos olhares**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2012.



SUA PESQUISA.COM. In: **História da Alemanha**. Disponível em: http://www.suapesquisa.com/paises/alemanha/historia_alemanha.htm. Acesso em 24 abril 2017;

UNITED NATIONS DEVELOPMENT PROGRAMME – UNDP. In: **Germany**. Disponível em: <http://hdr.undp.org/en/countries/profiles/DEU>. Acesso em 24 abril 2017.